

FELICIDADE CLANDESTINA

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de livros gostaria de ter : um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda : até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, elas nos entregava em mão um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima, era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais que vistas.

Como casualmente, informou-me que possuía *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meus Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse por sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

No dia seguinte fui à sua casa literalmente correndo. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que voltasse no dia seguinte para buscá-lo.

No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma : o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte.

E assim continuou. Quanto tempo ? Não sei. Eu ia diariamente a sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia : pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que emprestei a outra menina.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe.

Clarisse LISPECTOR,
Felicidade clandestina,
Editora Nova Fronteira,
Rio de Janeiro, 1981